

O ano escolar

NÃO terminou ainda. Mas a prática dos «avisos de retenção», que é norma desde há alguns anos — e amarga amêndoa da Páscoa! — abre já o panorama final que nos oferece, às vezes, uma surpresa boa, fruto de uma recuperação voluntariosa; e mais vezes, a surpresa má de uma aprovação fictícia e sem mérito algum do aprovado, o qual, mercê de muita ginástica, foi reduzido a três negativas com que a lei permite a passagem de ano. Isto vem assim desde a Primária. E somando a ficção ao longo de nove anos, chega-se gloriosamente ao termo da escolaridade obrigatória com uma multidão de jovens

que não sabem ler nem escrever nem contar.

Na área da Língua Portuguesa, dizia-me há tempo um Professor da Universidade que tinha pensado penalizar os seus alunos pela ortografia e erros crassos de sintaxe. Pois teve que desistir porque os chumbaria quase todos, mesmo muitos dos que na matéria científica da sua disciplina correspondiam razoavelmente.

Na Matemática é impressionante o bloqueio do raciocínio de muitos estudantes desse nível perante um problema comeginho que gente de 50 e 60 anos, que jamais se sentou a uma carteira escolar, resolve prontamente por cálculo mental. Não se saber ope-

rar... — resta o recurso das máquinas, pelo preço de mais uma dependência que o progresso tecnológico proporciona! Mas pensar — será algo de que o homem possa demitir-se?! Não será essa a alienação das alienações?!

Na minha juventude, vindo de uma Escola austera e exigente que fazia de nós, no fim da Instrução Primária, pequenas enciclopédias vivas — parecia-me que era demais, porventura saturante, e que faltava uma disciplina que despertasse a curiosidade de saber (de saber por nós, quanto possível — que é pensar); nos debruçasse, menos livrescamente, sobre o mundo e a História que se foi fazendo ao longo de milénios; e esti-

mulasse a nossa capacidade de apreciar, com os sentidos e mais fundo do que eles, a Beleza expressa na Natureza e na variedade das Artes. Como nunca me pediram opinião nas muitas e variadas reformas do Ensino a que assisti, o projecto ficou na gaveta; e hoje, diante do vazio da Escola que temos, tenho saudades da minha Escola. Respirava-se Autoridade, sem necessidade de recurso a violência chocante, que nunca a vi nos dezassete anos passados nos bancos da Escola. Aprendia-se que o Respeito é a virtude moral por excelência nas relações entre os homens — e exercitava-se.

Será saudosismo de velho? Ou não terá apoio objectivo este meu carpir?

A Cultura... Nunca se ouviu falar tanto dela nem se viu tão passeada por esse País além nem tão

Continua na página 4

SETÚBAL

A nossa Páscoa

FOI matizada como a seara do Evangelho: Trigo e Joio.

Bem desejaríamos que a Paixão e Morte do Senhor bulisse os corações mais desorientados e empedernidos dos rapazes. Não aconteceu. Nunca sucede. Assim, a nossa paixão comunga também o sofrimento do Filho do Homem. Todos os anos se repete e muitas vezes ao longo do ano, segundo o mandato do Espírito tão bem sintetizado pelo Padre Américo na recomendação aos Padres da Rua, em testamento: «Pôr-lhes a mesa e chorar se eles (os rapazes) não vierem — chorar os nossos pecados». Mas a Páscoa 2000 trouxe-nos muitas acções de rara beleza e elevação.

Na Sexta-Feira, à tarde, fui dar com uma cena que me encheu a alma.

A padaria era pequena para tanto bulício. Onze rapazes preparavam os folares com duas senhoras no meio

Continua na página 4

Festas

Setúbal

Durante as férias da Páscoa os ensaios foram o entretenimento de muita gente, aqui, em Casa. Até por isso as Festas têm valor. Se fosse gente de fora a ensaiar, não teria sido tão fácil; mas, este ano, é tudo deles.

Desde o cenário à montagem e controlo do som e das luzes é tudo obra deles. A coreografia, os passos, as habilidades e graças nasceram do seu engenho.

Assim todo o espectáculo é revelação demonstrada, sem qualquer hipótese de contestação, de que também nele não somos uma Casa de apilarar meninos.

Begas é o primeiro responsável das danças, ele que é um bailarino nato, embora não tenha querido sê-lo profissionalmente. Evélsio, Hélder Franco, Guilherme e outros têm arcado com o preenchimento de um programa encantador e divertido.

Os dizeres com a declamação e originais fazem parte da minha colaboração — a mais atrasada de todas.

A criação de hábitos de trabalho e organização: o amor à verdade, o combate à mentira, à hipocrisia, ao fingimento e ao roubo; a formação de uma consciência sã, culta de valores, serão evidência em nossa Festa.

Padre Acílio

6 de Maio — 21.30 h, Grupo Popular Recreativo Cabanense, CABANAS.

20 de Maio — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Humanitária, PALMELA.

27 de Maio — 21.30 h, PINHAL NOVO.

3 de Junho — 21.30 h, Sociedade Incrível Almadense, ALMADA.

11 de Junho — 16.30 h, Salão Paroquial, MONTIJO.

8 de Julho — 21.30 h, Luísa Todí, SETÚBAL.

Continua na página 4



Nas ruas da cidade todos dos dias me aparecem meninos sem rosto, sem família...!

Malanje

15/03/2000

Meninos sem rosto...

TODOS os dias me aparecem nas ruas da cidade. As suas famílias? Dizem que não têm. Quase todos têm, mas vivem à margem. Nem eles nem elas dão importância. O hábito da rua é camisa que se colou nos seus corpos esguios.

— Leve-me consigo comer papa.
Comer papa e voltar. Ir, vir e pernoitar num prédio inacabado e sujo.
— Dê-me 100.
— Que fazes com 100?
— Quinhentos para um pão.
Somente um pão! Basta. Nada mais

além. Sem outro querer. Simplesmente o presente.

As minhas ideias não lhes darão alegria...

Loucura querer impor um caminho ao ribeiro. Vamos, antes, seguir o seu curso e, nas margens, plantar relva e flores azuis.

26/03/2000

E sem família

SEM família, sem rua e com um rosto inexpressivo... Não sabe a idade e nunca foi à escola.

Ao terceiro dia foi embora com a roupa e calçado que o chefe lhe tinha dado.

Veio hoje. Que lhe perdoasse e que ia a pé para a Carianga, onde temos as vacas. E lá foi com o seu saquito a tiracolo.

Encontrei-o, à tarde, feliz, com um pau na mão, guardando as vacas.

Um motivo: ser pessoa, prestar um serviço responsável pelas vacas que pastam tranquilas no campo verde.

Talvez os campos, as vacas e o rio onde bebem, dêem a este corpo sem graça um belo rosto!

12/04/2000

Bairros de deslocados

CONTINUAM de volta da nossa Casa — mais propriamente — dos nossos campos.

Nem todas as aldeias dos já residentes, os acolheram com harmonia. Até mesmo nas oito cozinhas sustentadas

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

UMA TRADIÇÃO — Com muitos anos. Enraizada na alma dos nossos Pobres. Nem precisaríamos de lembrar a cada um deles: na celebração de Quinta-Feira Santa participam na Missa, em nossa Capela, e, depois, partilham da ceia da Comunidade.

Presentes só os que poderiam estar, fisicamente: mães solteiras, cujos filhos *desconhecem* os pais; viúvas, que sofreram o seu calvário; um casal, cujo marido é parapléjico; outras, mães e avós.

Felizes por estarem conosco, no dia da Comunhão Eucarística, do Amor, mistério da Graça que Jesus deixou para sempre — para Salvação do Povo de Deus, da Humanidade.

FOME NO MUNDO — Dados revelados pelo Banco Mundial sobre a Fome no Mundo, publicados nos meios de Comunicação Social, mostram números verdadeiramente assustadores:

A Europa tem mais de 24 milhões de pessoas em *extrema pobreza* — na Miséria — com menos de um dólar (cerca de 200\$00) *per capita*, diariamente, o equivalente a 5% da população europeia.

Somando a Ásia (20% da população da Terra) temos noventa e três milhões de Pobres que *vivem*, ou morrem, com menos de dois dólares por dia. Igual medida, infelizmente, para os 63 países mais carenciados do Mundo — 60% da população da Terra.

Radiografia impressionante!

PARTILHA — Por cheque, «uma modesta ajuda» do assinante 60223, do Luso.

Assinante 18801, do Barreiro: «É uma pequena contribuição (cinco contos). O mínimo que se pode fazer em relação ao Próximo». E continua: «O que é admirável não é o dar, mas, sim, o dar-se aos Outros. Graças ao Senhor por procurardes ser uma luz a indicar o Caminho, a Verdade

e a Vida». Remata deste modo: «Obrigada pelo incómodo que provocam aos acomodados da vida e por abrirem, a todos, os olhos da alma».

Presenças assíduas: contributo de Abril, «com um pouquinho mais pensando nas amêndoas dos Pobres», da assinante 14493 — Porto; e o dito, «de Março, que já vai um pouco atrasado», da assinante 57002, de Senhora da Hora.

S. Domingos de Rana: cinco mil, do assinante 33289, «para tantas necessidades, deixando ao vosso critério aquele que mais urgentemente deva ser atendido».

Com idêntico teor, dez mil, da assinante 24608, da Capital, sublinhando que «não é preciso agradecer».

Mais, da Capital, «pequena lembrança para a Farmácia dos vossos Pobres, sempre em débito, creio eu, dando-vos dores de cabeça, mas vós nunca perdeis a Esperança — e vão acudindo a todos». Assim nos diz a assinante 8047.

Do Luso, está presente o assinante 53241 que se associa «aos que se lembram daqueles que não têm Páscoa», com um cheque de cinco mil.

Vale do correio, da assinante 27145, de Faro. Outro, do assinante 7794, de Arcozelo — Barcelos.

Cheque, da assinante 22890, de Rio de Mouro, «para taparem algum buraco», levando a sua amizade a tratar-nos por *incansáveis!* Outro, da assinante 35193, Vila Nova de Gaia, «para o que for mais necessário». Outro, ainda, de Lourdes Silva, d'algueres. Mais outro, de Joana — Setúbal. Mais um, com quarenta mil, de Carregosa (Vagos): «Neste tempo de Quaresma vou um bocadinho acima do normal, embora saiba que não é nada para as necessidades de quem sofre. Mesmo assim, oxalá Deus continue a ajudar-me. Não quero agradecimento nem recibo. Só espero contribuir para o bem-estar de alguém».

Remanescente de contas d'O GAIATO: Assinante 9313, de Espinho; «para o almoço de Páscoa dum Pobre» — o assinante 35019, de Lisboa; assinante 29285, de Rio Tinto; assinante 26302, do Porto; assinante 7769, também do Porto.

Prendas úteis: da assinante 27208, de Faro; da assinante

20868, de Torreira (Murtosa); e de uma leitora de Cavada de Rôssas (Arouca).

Retribuímos os votos de santa Páscoa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 -373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

FESTAS — No salão da Associação Nun'Álvares, de Campanhã (Porto), os espectadores receberam-nos com entusiasmo. E, do ponto de vista artístico, correu tudo bem.

No fim do espectáculo ofereceram uma merenda e, àquela hora, muito bem nos soube! A nossa gratidão.

A Festa consta de uma primeira parte que trata do contacto de Pai Américo com os gaiatos das ruas do Porto e a fundação da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Na segunda parte, o elenco exhibe os seus dotes artísticos em diversos números de variedades.

Eis o resto da digressão: 6 de Maio, 21h, Centro Social e Cultural da Paróquia de Valbom (Gondomar);

20 de Maio, 15h, Salão Paroquial de Valongo;

27 de Maio, 21h, Salão Paroquial de Rio de Moinhos (Penafiel);

2 de Junho, 21h, Salão do Colégio de Santa Teresa de Jesus, Santo Tirso;

9 de Junho, 21h, Salão Paroquial de Ermesinde.

MATANÇA — Abatemos um boi e parte da carne foi consumida na festa da Páscoa. Era muito boa e tenrinha.

VISITAS — Nas férias da Páscoa estiveram conosco quatro jovens «Irmãos Maristas», do Porto, dispostos a ajudar-nos, em tudo. Foram extraordinários! E deixaram boa nota junto da Comunidade. Muito obrigados.

Melão

FUTEBOL — No domingo, 9 de Abril, a equipa principal defrontou o F.C. Cadinhas. Ganhámos por 3-2. No fim da Missa, ofereceram uma boa merenda aos jogadores e, também, ao resto da Comunidade.

Em 15 de Abril recebemos a visita da equipa da nossa Casa do Gaiato de Setúbal. Resultado: 5-5. Tudo correu maravilhosamente!

ESCOLAS — As aulas recomeçaram e os estudantes, agora, estão mais atentos à passagem de ano porque houve alguns que, neste período, tiveram fracas notas.

PÁSCOA — A Semana Santa é sempre muito rica espiritualmente, em nossa Casa. Na celebração da Vigília e da Eucaristia foram baptizados quatro gaiatos.

POMBAS — A malta que trata do pombal — João e Paulo — desejariam mais alguns *bicos* que possam até mesmo ser *pombos-correios*. Apesar de tudo, nós temos um pombal jeitoso, que procuram estar limpo. E, no caso de recebermos mais ocupantes, o nosso Padre Carlos talvez daria ordem para se fazer um aumentozinho na pequena casota...

A luz dos meus olhos

Há longo tempo a luz dos meus olhos
Começou a extinguir-se lentamente
A ponto de eu pensar
Que estava sendo desprezado por Deus.

Mais tarde percebi
Que Deus me estava mostrando
O caminho para o Céu,
Dando-me a graça de levar-LHE
A tristeza dos mais tristes,
A pobreza dos mais pobres,
Sofrendo com todos os que sofrem.

Julguei-me incapaz e duvidei.
Deus entristeceu-Se e eu LHE implorei:
— Sê Tu a luz dos meus olhos!

Orlando

Nas cidades

O que eu quero
É a paz dos campos,
A beleza das estações,
O abrigo dos mantos
E o amor dos corações
A reinarem nas cidades!

O que eu quero
É a saúde nos hospitais,
A ordem nas nações,
A igualdade entre iguais
E o trabalho das multidões
A reinarem nas cidades!

O que eu quero
É o respeito no desporto,
A diversidade na diferença,
O sucesso com esforço
E a verdade na certeza
A reinarem nas cidades!

Manuel Amândio

RETALHOS DE VIDA

Agostinho



Chamo-me Agostinho José Reis Pinto. Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, com 12 anos, a 18 de Setembro de 1996.

Sou natural de Mafamude, Vila Nova de Gaia. Gosto de estar aqui. A nossa Aldeia é muito, muito bonita! E vim, para cá, porque era mau...! Tenho três irmãos. Passámos todos grandes dificuldades materiais e não tínhamos quem nos desse um futuro digno, na vida, porque a minha mãe é doente...

Agora, frequento a quarta-classe e, nas horas vagas, ajudo na expedição d'O GAIATO.

Quando for grande, quero ser pedreiro.

Agostinho

S.C.P. — Agora, o melhor, é o Sporting Club de Portugal! É o meu Clube preferido. Eu respeito todos eles, mas gostei sempre do Sporting!

Filipe David

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Na semana da Páscoa visitámos as famílias carenciadas e levámos lambarices às crianças e aos velhinhos que ficaram muito contentes com as amêndoas.

A propósito do período que vivemos, eis uma reflexão do pequeno livro *Cristo vivido*:

«Jesus manifesta-Se aos Discípulos. A humildade e a simplicidade de que se acham adornados, torna-os dignos das Suas revelações. Revelações que oculta aos sábios deste mundo, é a revelação que Jesus faz aos Seus discípulos: o Pai entregou-Me tudo. Isto quer dizer que todas as coisas estão submetidas ao Seu império: o Céu e a Terra, os anjos e os homens, tudo, tudo se encontra debaixo do Seu domínio. Agora os discípulos já podem compreender porque é que os demónios se lhes submetem perante a invocação do nome de Jesus.

Esta revelação que Jesus fez aos Discípulos, ao regressarem das suas correrias apostólicas, vinha muito a propósito para lhes aumentar a fé e a confiança no Mestre querido. Se tudo está nas Suas mãos, podem estar seguros de que em companhia d'Ele tudo lhes corria bem.

Jesus recebeu, enquanto homem, o poder, o domínio e o império sobre todas as coisas porque Se humilhou profundamente. Passou pela vida como se fosse um escravo. Mas a Sua humilhação foi o caminho para O levar à exaltação, como o dá a entender S. Paulo: «Humilhou-Se na condição de homem, até à morte na Cruz, pela qual Deus O exaltou e Lhe outorgou um nome para que ao nome de Jesus, caia de joelhos tudo o que existe no Céu, na Terra e nos abismos, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.»



A equipa de futebol da Casa do Gaiato de Benguela (Angola)

DOCTRINA

A Caridade
faz deslumbrar
as obras do mundo



A crónica desta semana é feita na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo onde fui propositadamente levar piões aos gaiatos de Coimbra. Comprei três dúzias deles e embarquei no comboio da Lousã. Três dos pequenos estavam ao comboio. Os de Paço de Sousa também vão sempre a Cête esperar o comboio quando eu chego. Sentem-se amados e querem, naturalmente, amar. Ninguém lhes leva a palma no amor. O mais velho entregou os piões. As baraças estavam feitas; o Avelino mai-lo João há muito que se ocupavam delas, nas horas vagas, afanosamente.

DAQUI sigo para Paço de Sousa, em igual missão: dar piões. Os de lá fizeram pedido colectivo, na véspera da minha saída; e, para maior segu-

rança, um deles, o mais apaixonado, levantou-se cedo no dia seguinte para berrar da janela: — *Olhe os piões e as baraças!*

OUTRO acontecimento muito célebre, em Paço de Sousa, foi a compra de socos para a Comunidade. Vieram da feira em três pacotes, às costas de três deles a quem se pediu muito segredo, mas eles não puderam guardá-lo. Daí a nada os três volumes eram ferozmente atacados por 30 garotos. Sucede que, para maior disputa, os tamancos eram de duas cores; e, para maior desgraça, o mais velho também se fascinou, perdeu as estribeiras e entrou na desordem — em vez de pôr ordem! Foi uma tremenda balbúrdia!

O Sérgio tomou conta do poleiro e tomou por ajudantes o Pepe, de Badajoz, e o António, de Celorico. O Bártolo, de Leiria, entrou de semana à cozinha. O Zé, do Porto, de refeiteiro. O Júlio Mendes, de Elvas, de criado de dentro. O Carlos, de Tábua, e o Pires, de Coimbra, são os pequeninos despenheiros de sopa quente que se serve a alguns pequenos das Escolas da freguesia na antiga porta do caldo, dos tempos monásticos! Os do campo ocupam-se a

lançar à terra sementes de favas, trigo e centeio para termos de comer. E tudo o mais corre feliz, debaixo do sinal da Cruz.

NA Trindade deram-se seis mil escudos e quê e uma cruz de ouro. Mais, no comboio, um «venha daí almoçar comigo e tome lá 500\$00». Almocei e tomei. Espero notícias do 54, aos Clérigos — roupas, agasalhos, cobertores, dinheiro, coisas e, sobretudo, um sobretudo. A Obra da Rua não é somente as Casas do Gaiato; também inclui o Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios onde tenho algumas dezenas de rapazes que são meus filhos por não terem pais; são todos de dezoito anos para cima. Para um deles é o sobretudo que hoje te peço. Uma oferta de meio quilo de arroz e outro tanto de farinha, entregue nos Clérigos, achei-a tão santa que fui eu mesmo procurar o Pobre e entregar respeitosamente. Fazes festas para o Pobre, oh mundo infeliz! Jamais a Obra da Rua há-de ser juiz ou mordomo ou de qualquer forma participante das tuas orgias, a que costumás dar o nome de festas de caridade. Nunca! Mais respeito. Mais amor.

SE ainda não escolheste igreja, vai amanhã aos Congregados, à Missa das dez e do meio-dia. A das treze, não. Não tenhas medo. Peço nas igrejas com a bênção do Prelado da Diocese e muito

devo aos párocos, aos reitores e aos capelães que abrem a porta ao mendicante, fervorosamente. Não ando sozinho. Quero viver da obediência aos Bispos; alimentar-me da autoridade d'Eles como as crianças nos seios das mães se alimentam da substância delas. Fora da Igreja, nada de grande; contra Ela, muito menos. Gotas de orvalho deslumbram de beleza se atravessadas pelo sol; é a Caridade que faz deslumbrar as obras do mundo! Vem ouvir o cantador! Ele é verdade que eu digo sempre a mesma coisa, sim; mas também o Amor é sempre o mesmo e nunca é o mesmo!

P.S. — Agora mesmo ouço, na Rádio, a notícia dura e crua da morte do Engenheiro Duarte Pacheco — *vita brevis!* Ele foi o primeiro Homem de rasgo que eu topei na minha vida dolorosa; deu-me trezentos contos para os alicerces da Obra de Paço de Sousa e, com eles, palavras de encorajamento que valiam outro tanto. Se algum sacerdote celebrar por sua alma, nenhum, ninguém o fará com mais presença e com mais fervor do que eu. Pie Jesus dona ei requiem.

D. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.ª vol. — Campanha de 1943 a 1944)

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Notícias preocupantes



Casebre com paredes esburacadas e sujas, sem janelas nem portas...

CONTÁVAMOS que as obras de reconstrução e adaptação da moradia estivessem prontas e perguntámos, pelo telefone, ao construtor que nos respondeu:

— *Fui combinar com o dono habitante, no dia seguinte ao que falei consigo; ele pôs muitas condições e disse que não concordava com as obras como tínhamos combinado; que só se fôssemos ao sábado fazer alguma quando ele estivesse em casa. É o mesmo 'teimoso' de sempre.*

Este teimoso é condomínio com o pai e os irmãos. O casebre só com paredes muito esburacadas e sujas, sem janelas nem portas já era dos avós. Ali se abrigaram e lá estão a criar os seis filhos com menos de catorze anos. Não têm quartos de banho nem água em casa. Lá viviam amontoados e só com a luz que entra pelos orifícios que servem de acesso.

Já lhe pusemos telhado novo, pois o velho estava muito roto; e, agora, iríamos

preparar a moradia decente para a família.

Preocupados mas ainda esperançados, tentámos o que nos pareceu a última tentativa: Um encontro com elementos mais responsáveis do grupo sócio-caritativo com habitantes do casebre. No domingo seguinte encontramos-nos. Pusemos a última tentativa: ou fazíamos as obras combinadas ou desistíamos a última vez. Reflectiram e deixaram tudo ao nosso critério; e, na semana seguinte, recomecemos a obra. É sempre bom não nos deixarmos vencer pelas dificuldades quando o fim da nossa acção é um bem, bem feito.

FOI com muita surpresa que recebemos a notícia: — *Olhe que fulano já voltou com a família e meteram-se outra vez naquele buraco. Lá se amontoaram e lá continuam!*

Recordámos com muita tristeza esta situação. Há muitos anos que reparámos o casebre em ruínas e procurá-

mos dividi-lo, no possível. Há algum tempo pareceu-nos já não ser possível habitá-lo, pois sem ambiente exterior e interior, sem água nem luz nem algumas condições de higiene, comprámos uma casa e preparámo-la. Quando estava a ficar pronta e amorosa aquela família, sem dizer uma palavra, abandona tudo e vai dar uma volta aventureira.

Agora, pais e filhos voltaram à mesma vida: mão estendida à caridade de quem os atenda!

OUTRA notícia cheia de surpresa perante as tentativas que temos feito por outra família. Reparação de habitação abandonada onde foram viver alguns anos. Abandonaram-na e foram

para a aldeia natal de um deles. Passados anos vieram e insistiram com o Património dos Pobres para lhes arranjar um tecto.

Procurámos acudir com habitação reparada, de novo, e entregámos-lha. Tentou-se reunir pais, filhos e netos e, agora, encontrámos, de novo, a antiga situação de abandono, com coração só de carne.

— *Há dias fomos encontrar a família no casinhoto onde habitam há muito tempo. Eram nove pessoas lá metidas; uns deitados pelo chão, outros em qualquer outro canto!*

São algumas das preocupações da nossa vida!

Padre Horácio

Malanje

Continuação da página 1

pelo PAM — que orientamos — se nota entre uns e outros um certo mal-estar e mesmo antipatia manifesta. São as guerrinhas, filhas da grande guerra...

Todos se esforçam por ter a sua lavra. Na Semana Santa prometi, a muitos, marcar um canto na nossa baixa, junto ao rio, para as hortícolas no tempo de cacimbo.

Por experiência própria, sabem que a paz está longe e cada qual procura dar um pouco de consistência ao seu ninho.

Em todos os bairros ergueram com carinho uma cubata maior para a oração — que fazem todas as manhãs! Deus ouve e abençoa. Quando possível, celebramos a Eucaristia que os seus belos cantos tornam festiva.

Bem-aventurados os simples! Felizes os que choram! Terão a misericórdia do

Senhor — aqueles que clamam por justiça!

Reflectindo

CONVERSÃO ao Reino é seguir o Senhor — carregando todas as consequências. Assumi-IO na sua radicalidade — sem mais aquelas.

Logo que desenhaste o peixinho na areia, saltaste todos os limites. Nem paredes nem linhas! Lonjuras de Deus! Infinitude! Até à loucura...

A loucura dos cristãos atraiados às feras!

A loucura de S. Francisco a cantar no meio dos prados!

A loucura de S. João de Deus com os doentes às costas!

Para lá de todos os limites do razoável... O Amor ultrapassa tudo

A loucura de Jesus! «Está fora de si.»

A loucura do Divino!

Padre Telmo

RECEBEMOS — De Maria Dolores, Braga, um cheque de dez mil escudos e uma carta muito bonita, com um grande abraço — que retribuimos.

J.R.D., 2.000\$00. M.M., do Porto, dez mil escudos por vale de correio.

Agradecemos aos nossos Amigos.

Não temos recebido muita correspondência, mas temos fé

que não esquecerão os mais carenciados que visitamos assiduamente.

Desejamos uma santa Páscoa a todos os Leitores.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Maria Germana e Augusto

que nos vão ver, uma vez mais, a actuar em suas paróquias.

AULAS — O segundo período chegou ao fim. Infelizmente, as notas não foram das melhores...

Da maior parte dos rapazes esperamos que não esteja tudo perdido e ainda haja quem se possa salvar.

HORTA — As favas estão colhidas e algumas comidas. As batatas também vão dando alguns sinais de vida...

PÁSCOIA — Como manda a tradição da Igreja, tudo foi feito. A seu tempo, tivemos a Quaresma para nos preparar.

TOJAL

FESTAS — Com os últimos ensaios iniciámos as nossas Festas grandes, para as pessoas que admiram a nossa Obra. Já sabem

Tiragem média
d'O GAIATO,
por edição,
no mês de Abril,
65.100 exemplares.

ESTOU a escrever no dia de Páscoa. Com o céu descoberto, o sol bate muito quente. Há grande movimentação de gente, em direcção aos Centros onde é celebrada a Páscoa do Senhor. A Fé do Povo de Deus dá vida e alimenta a Esperança no dia que trará a paz e fará de Angola um povo livre das cadeias da morte que o acorrenta implacavelmente. Estou a lembrar-me da cena que nos é descrita no Evangelho de S. João, no próprio dia de Páscoa: No silêncio da noite, em que o desânimo tomou conta de muitos, em que os sinais da vitória definitiva da morte pareciam evidentes, uma mulher, sozinha e assustada, dá com um sepulcro vazio. Era a Ressurreição. Era a explosão forte da Vida. Tudo mudou. Antes, assustados e entorpecidos; agora, todos se movimentam, todos correm.

Haverá, ainda, quem pense que a doação da própria vida é somente renúncia, morte e destruição de si mesmo? Ah, não! Quem nos dera ser como João que, diante dos sinais da morte do Senhor, descobriu a vitória da Vida sobre a morte! Uma vida consa-

BENGUELA

Caminhar convosco

grada aos irmãos nunca acaba com a morte, mas abre-se para a Vida que jamais tem fim.

Pouco tempo antes da celebração da Páscoa, já no fim da tarde de sábado, um homem veio ter comigo, muito aflito, que sua mulher corria o risco de perder a vida, juntamente com a criança que estava para dar à luz. Mais uma vez, a nossa *Toyota* fez de ambulância pelos becos sem saída de buracos do bairro, de tal modo que julguei que a carrinha ia ser, também, a maternidade. Correu bem. Melhor ainda, quando no fim da celebração da Vigília Pascal, o pai veio dizer que nasceu uma menina. Foi mais uma achega para esta noite feliz. Quantas crianças morrem por não terem quem lhes dê a mão a tempo e horas! A morte pode ser

vencida, se acreditarmos na força da vida que está em cada um de nós. Apetece-me perguntar: — Que fazemos do dom da vida que está em nós? Que posição temos perante a escolha do dom da vida?

Sou cristão e sou padre. Recebi o mandato de ser testemunha da Ressurreição, como todo o cristão e todos os Padres. Como posso ser testemunha se não experimentar? Vivo mergulhado directamente na vida diária de 152 rapazes e na sorte de centenas de crianças, pais e mães de família. Vejo tantas pedras grandes no caminho, semelhantes à pedra grande da entrada do sepulcro de Jesus. Quando vacilo na fé que Deus me deu, interrogo-me como será possível remover essas pedras para que as

crianças, os pais e as mães tenham Vida. A morte não pode dominar. O desejo do poder, a ganância, a mentira, a corrupção, a vida cómoda e sem compromisso sério não podem dominar definitivamente as forças da vida. Deus pôs nas minhas mãos, nas tuas, o segredo. Sozinhos, pouco ou nada. Se dermos as mãos, haverá uma explosão de vida. Só experimentando... Assim como o Justo não pôde permanecer em poder da morte, assim os justos de todos os tempos, os de agora e daqui, não podem continuar a ser vítimas da malvezade de uns tantos.

Nesta Fé e nesta Esperança queremos caminhar convosco.

Padre Manuel António

Novos assinantes

«Porque quando temos um bem não o podemos guardar só para nós, propus-me convidar mais pessoas a partilhá-lo. Assim, envio a lista de novas assinaturas para O GAIATO. Alguns são professores, outros ainda preparando-se para tal. Para estes, o Jornal será um estímulo a educar as gerações de crianças e jovens para os valores de partilha, de trabalho, de simplicidade, de liberdade. E como é nova, corajosa e revolucionária a Pedagogia do Padre Américo (aprende-se tanto no livro *Porta Aberta* para, no outro dia, recomeçar de novo)!

Na lista de novas assinaturas vai uma, muito especial: de um 'Projecto de gaiatos para gaiatos / jovens para jovens' receberem o vosso Jornal e aproximarmos-nos de vós — numa proposta feita à Casa do Gaiato de Setúbal, por se encontrar mais perto de nós, em Torres Novas, e também termos desejo de troca de saberes e afectos.

Algumas novas assinaturas são de mães que sentem a alegria de repartir o pão, acrescentado na paz que os seus filhos aprendem com elas.

Dado que demorei a enviar esta lista, caso for possível agradeço a remessa de jornais já publicados, desde Janeiro.

Assinante 47232»

Setúbal

Continuação da página 1

deles a tender, a enrolar, a pôr os ovos, a segurá-los com tranças de massa, a pintá-los com gema de ovo, a vê-los crescer nos tabuleiros.

As senhoras faziam as mesmas tarefas que os rapazes, mas criavam alegria, davam o tom; ensinavam e comungavam a alegria familiar que ali rescendia.

Até eu peguei também numa pequena trincha e me pus a pintar folares, fruindo o deleite natural da situação.

O cheiro do pão doce criava o ambiente clássico da Páscoa e os rapazes bebiam alegremente a tradição cultural.

Assim se faz a família e

se criam as raízes do futuro, com toda a simplicidade dos tempos antigos.

Pude então falar-lhes do pão ázimo e do porquê. A Páscoa dos Judeus. A Páscoa de Jesus. A nossa Páscoa. Reviam-se umas nas outras.

O almoço do Domingo de Páscoa constou de canja, frango assado com batatas no forno, arroz branco e sobremesa de morangos. Tudo acompanhado com sumos, pão e vinho.

Numa das nossas mesas alguém que tivera «*mais olhos que barriga*» deixou o prato meio de arroz e pôs-lhe o prato do vizinho em cima, para disfarçar.

Os rapazes saem da sala após a oração que foi cantada e eu fiquei ainda à

mesa com um casal de antigos gaiatos.

Um grupo deles levantava as mesas e foi então que vi, ao meu lado esquerdo, numa mesa além, um dos rapazes a rapar o prato meio de arroz. Interroguei: — De quem é o prato?! Não permitimos, em Casa, como princípio inabalável, que se estrague a comida, por muitas e sérias razões que não vou agora enumerar.

Mandei chamar os utentes daquela mesa.

— De quem é esse prato meio de arroz, sobrado!

— É meu, diz o Zé Pires.

Assombrei-me com a dignidade do jovem. Bonito! Era Páscoa!

O Zé teve de comer ali o arroz já depois do sabor da sobremesa, mas a lição que deu a todos foi soberba!... Não mentiu. Não permitiu que outros sofressem com a sua falta. Assumiu-a! Diante de toda a Comunidade, reunida à mesa no dia seguinte, exaltei a dignidade do Zé. É assim mesmo! Se a gente tem a fraqueza de praticar o mal, a única maneira de o remir é confessá-lo e arrepender-se para não voltar a fazê-lo. É Páscoa!

Que o mundo com os seus grandes envolvidos em tanta mentira, ponha os olhos no Zé e proclame como ele: «*Aleluia!*»

Padre Acílio

O ano escolar

Continuação da página 1

retratada nos media. Cultura é um substantivo abstracto que os homens concretizam quando a adquirem e cultivam. Mas quem são eles? Quantos são? Na era tecnológica que é a nossa, mesmo entre os profissionais competentes na sua área, de quantos se poderá dizer que são homens cultos? Será o progresso tecnológico incompatível com alguma universalidade do saber?

A vida é acelerada para todos e o tempo escasseia. O lazer deixou de ser uma disciplina formativa para a maioria das pessoas — do que resulta um empobrecimento de Humanidade entre os homens. Mas, sobretudo, a Cultura que se faz — a quem atinge? O Povo...? À custa dele ela se faz... para alguns. Mas para a maioria, fica a cultura (!) televisiva, a que todos têm acesso barato e passivo — e se sabe que «quanto pior, melhor», até pelas audiências, pela que toca ao único canal que ainda vale qualquer coisa. Não poderia aqui a Cultura dar um jeitinho, com uma economia de milhões e a certeza de aculturar o Povo português, nem que, a princípio, um pouco a contra-gosto de muitos que tem deixado ensopar na cultura da banalidade?!

Pela Escola principiou este meu discorrer e nela quero pôr a minha esperança. Que seja verdadeira. E se a corrente não vier de cima para baixo, haja a coragem de a reclamar de baixo para cima, da parte dos que lutam no terreno, no contacto directo de gerações que amanhã terão razão de se queixar desta e da miragem das Estatísticas prà Europa que cega os Poderes mais altos.

Padre Carlos

Festas

Continuação da página 1

Lisboa

- 7 de Maio — 15.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de TORRES VEDRAS.
- 14 de Maio — 15.30 h, Salão Paroquial de FORTE DA CASA.
- 20 de Maio — 15.30 h, Cine-Teatro de LOURES.
- 28 de Maio — 15.30 h, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, LISBOA.
- 4 de Junho — 15.30 h, Salão da Igreja de RIO DE MOURO.

Coimbra

As nossas Festas estão quase a ficar prontas. Aproveitámos as férias da Páscoa para os ensaios. Só no próximo número d'O GAIATO, contudo, poderemos dar a calendarização definitiva. O mês em que irão ser realizadas nas terras habituais, será o de Junho. Embora seja já um pouco tarde, acreditamos que os nossos habituais «espectadores» não deixarão de estar presentes.

A ideia temática, este ano, é a Natureza. Um tema querido à filosofia educativa da Casa do Gaiato e ao pensamento pedagógico do Padre Américo. Sobressai a ideia de que a Natureza é um bem comum que deve ser respeitado e acarinhado. Os rapazes interpretarão esta temática com graciosidade e elevado sentido artístico, dando voz às queixas das florestas brutalmente destruídas pelo fogo ou pela incúria humana. O grito das aves e outros animais ameaçados pela extinção ou afugentados do seu *habitat* natural serão, também, objecto de apreciação. As «negociatas» do fenómeno urbanístico e das chamadas «zonas industriais», a troca da ganância, também virão à liça. É uma peça simples, mas muito actual e interpeladora.

Na segunda parte ainda será o mesmo tema a presidir ao divertimento sadio e à crítica contundente.

Esperamos que os nossos Amigos marquem presença e gostem da Festa. No próximo número sairá, então, o calendário completo.

Padre João

PENSAMENTO

Da boca e das acções da Criança
sai o louvor perfeito!

PAI AMÉRICO